

Acredito que ela parte de uma necessidade humana básica, a necessidade de contar como era e passar isso adiante. Isso é a origem oral: histórias em formação que muitas vezes sofreram modificações radicais, e depois voltaram a sua origem. Mais tarde surgiu a escrita e tudo a ser conservado foi colocado no papel, em mosteiros, pelas poucas pessoas que dominavam o seu conhecimento. Adiante surgiu a grande revolução chamada Gutenberg, a multiplicação dos livros, até a produção em massa. Nesse processo, a literatura correu o perigo de se tornar papel morto, quer dizer, esquecer sua origem oral. Para mim sempre foi importante e necessário colocar frases no papel que também continuam válidas quando pronunciadas. Por isso, eu resmungo durante meu trabalho, eu mastigo as frases, até que elas obtenham uma consistência tanto no modo falado, quanto no lido.

## O que perdura vira Nobel<sup>1</sup>

J. Busche

Tradução de Leandro Zanetti Lara<sup>2</sup>

Supervisão de Michael Korfmann<sup>3</sup>

Deu-se a decisão em Estocolmo. Günter Grass é o vencedor do Prêmio Nobel de Literatura deste ano. Tal qual Heinrich Böll, recebe o prêmio tanto pela sua atividade literária quanto pela política, que é também um reflexo crítico da história da República Federal Alemã.

O Prêmio Nobel de Literatura para Günter Grass parece fazer voltar o tempo, quando se tem em vista tanto o conjunto da obra como a biografia política do autor. A decisão do júri de Estocolmo pode também ser entendida como um elemento da nova normalidade alemã, ferozmente recusada por Grass em outras ocasiões. O Nobel é um prêmio internacional, que assinala o que é conhecido em todo o mundo ou, conforme a convicção dos jurados, o que deveria ou poderia ser.

O Prêmio Nobel foi fundado no início deste século, que não foi de grandes sucessos mundiais na área de literatura para a Alemanha, menos ainda com relação a romances de reconhecimento internacional. O primeiro alemão a receber o prêmio nem foi um autor literário, mas um historiador: Theodor Mommsen, que o recebeu pela prosa magistral com que tinha escrito a sua *História Romana*, cinquenta anos antes.

Thomas Mann obteve a consagração sueca especificamente pelo romance *Buddenbrooks*, 25 anos antes e, assim, teve tempo suficiente para encontrar seu público na Europa. E agora, ao homenagear-se Günter Grass, já faz quarenta anos que ele se destacou com um dos poucos sucessos mundiais registrados na história nada brilhante do romance alemão. Kafka não viveu o bastante para ver o reconhecimento tardio de seus romances.

A parte banal da história é que, desde há muito tempo, Grass, como autor de *O Tambor*, vinha fazendo parte do grupo dos “sempre candidatos” ao Prêmio Nobel. A outra parte, a atual, é, de longe, mais relevante. Grass, que se recusa, como nenhum outro escritor famoso de sua geração, a admitir a nova normalidade na Alemanha reunificada, também poderia ter ganho o prêmio pelo seu desempenho como autor e cidadão, isto é, pela determinação com que manteve, durante décadas, as suas convicções políticas, e a influência que ele concedeu a

<sup>1</sup>Cf. J.BUSCHE, TAZ, 1. de outubro de 1999.

<sup>2</sup>Acadêmico de Alemão-Português do Instituto de Letras - UFRGS .

<sup>3</sup>Professor Assistente do Setor de Alemão do Instituto de Letras - UFRGS .

estas em seus livros. No que diz respeito à homenagem, o caso de Heinrich Böll serve como exemplo. Para muitos leitores, Böll não ficou na memória como autor de uma prosa brilhante, mas como um lutador incansável por uma literatura engajada, que fazia pensar e visava a uma cultura democrática na República Federal Alemã em formação. O mesmo se poderia dizer de Grass. A partir dos anos sessenta, no mais tardar, pode-se contar a história do escritor Günter Grass também com base em seu engajamento político: as intervenções nas campanhas eleitorais a favor do SPD, a doação de livros e formação de pequenas bibliotecas em quartéis, a sua recusa a bajular dirigentes comunistas da antiga RDA, a saída do SPD, quando este selou o acordo sobre o asilo político com o CDU e o retorno ao partido mais tarde.

Tudo isso, entretanto, não é apenas a história do escritor Günter Grass, mas também a história da antiga República Federal Alemã – e Grass quer se manter fiel a esta história também na nova República Alemã Reunificada. Ele pertencia aos que viam ceticamente a Reunificação, porque, do seu ponto de vista, a Alemanha reunificada era a consequência equivocada da história alemã do século XX. Ele foi um dos críticos mais ferozes da postura de vitória que se observava no lado ocidental depois da Reunificação. Grass mantém a sua desconfiança em relação à situação alemã e vê esta mesma desconfiança confirmada a cada passo que conduz à normalidade política há muito anunciada. Isto diferencia Grass, apenas para citar alguns nomes, de Martin Walser e de Hans Magnus Enzensberger, que está por completar setenta anos. Isto o aproxima a Heinrich Böll. Nesse aspecto, o prêmio Nobel segue uma lógica.

Mas Grass não é unicamente o autor de *O Tambor*. Ele começou como escultor, destacou-se cedo como poeta. Eram os anos 50, quando formou-se o contexto para seus primeiros escritos, e isto não significava somente um clima político de reação e restauração. O “Teatro do Absurdo” dominava a cena teatral europeia daquela época, e um movimento forte na poesia procurava fugir de Benn e Brecht em direção a uma poesia concreta experimental, com forte influência dadaísta. Naquela época Grass teve sucesso com os inesquecíveis versos:

*Quem aqui ri, riu  
Aqui não tem nada para rir  
Quem aqui ri, se faz suspeito  
De rir com razões*

Ele também escreveu peças curtas para palcos de vanguarda. Quando Grass, em 1955, participou de um encontro do Grupo 47, foi descrito por Hans Werner Richter, o mentor deste círculo, como de “aparência aventureira, um pouco desleixado, me parecia um cigano pedindo esmola”. Três anos mais tarde, Grass leu, para este mesmo círculo, um capítulo do seu *O Tambor*. Com isso começou o caminho para a fama mundial não só de Grass mas também de seu herói anão, o tocador de tambor Oskar Matzerath, que passa a fazer parte do seletto grupo de

inesquecíveis mitos modernos, tais como o capitão Ahab de Melville, o Lord Jim de Conrad ou a Velha Dama de Dürrenmatt ou, quase da mesma época de Oskar, a Lolita de Nabokov.

Dáí por diante, o percurso de Grass foi problemático. Ele prosseguiu em duas direções. De um lado, ele começou a explorar as lembranças de sua cidade natal, Danzig. O resultado disso para a Literatura Alemã foi a novela *Gato e Rato*. De outro lado, ele descobriu as suas obrigações políticas, como mostrar “o caminho certo” aos seus leitores. Exemplo disso é o fato de que ele tomava como errada a popularidade que a filosofia de Martin Heidegger tinha junto a muitos dos alemães cultos no fim dos anos cinquenta: seu segundo romance, *Anos de Cão*, continha uma paródia fulminante da linguagem de Heidegger. Ler o Grass desta fase ainda podia ser considerado divertido, mas logo seus livros passaram a apresentar uma didática penetrante. Porém a força de sua linguagem literária, que é realmente única, ainda assim mostrava-se capaz de fascinar os leitores.

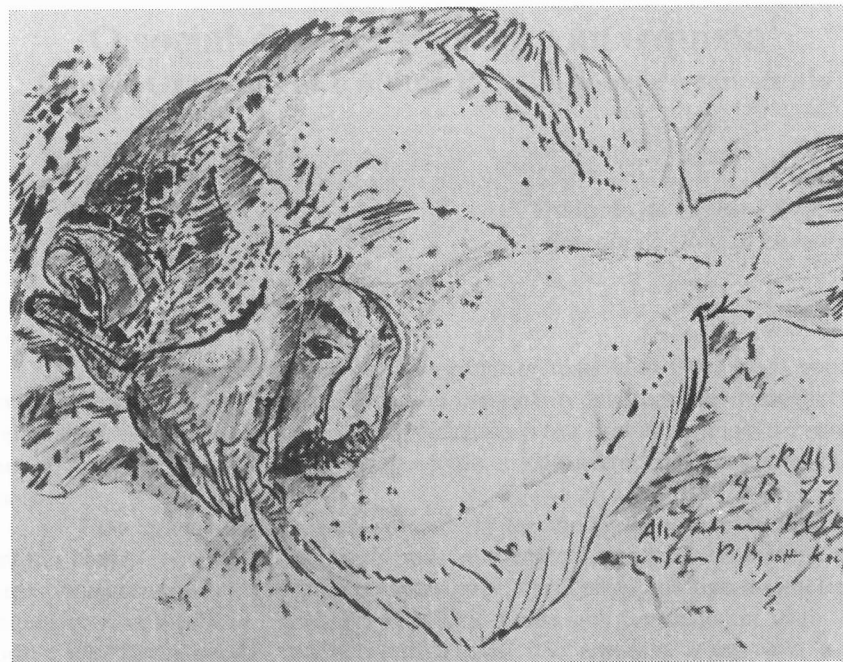
Foi infeliz a sua tentativa de mudar do Teatro do Absurdo para o drama de idéias políticas. A peça *Os plebeus ensaiam a revolta*, que trazia à cena um Brecht que ensaiava durante a revolta popular de 1953, redundou em fiasco. Na estréia, um dos espectadores gritou: “Meu Deus, isso é horrível!”

Contudo o sucesso de *O Tambor* mantinha-se, e Grass sentiu a obrigação de se provar como grande escritor escrevendo sobre temas os mais grandiosos possíveis. *O Linguado* e *A Ratazana* são interpretações do mundo e do tempo que se apresentam de forma imponente, mas não convencem, talvez porque a época deste tipo de interpretações já tenha passado. O romance *Um campo vasto*, com Theodor Fontane como personagem principal, tem como pano-de-fundo o papel da “Treuhand” (instituição do governo da RFA que tinha o objetivo de privatizar as estatais da RDA) na análise das consequências da reunificação e, é uma interpretação da história alemã que objetiva uma visão totalizante. Muitas vezes a crítica não conseguiu deixar claro se o furor da rejeição era dirigido ao escritor, ou ao político Grass.

Talvez a raiva a Günter Grass decorra do fato de que ele, como escritor, era extremamente capaz, mas privava isso de seus leitores mais ávidos. Do que ele era capaz, ele mostrou em *O Encontro em Telgte*, um incrível trabalho artístico de complexa estrutura literária. Por que alguém com tanta capacidade, alguns se perguntaram, pôde ter a pretensão de ir a Calcutá para, supostamente, reavivar a sua fama, já um tanto apagada? Por que alguém como ele precisava ter escrito um livro como *Maus Presságios*?

Talvez por ser justamente capaz e por não precisar provar isso a todo momento. O Prêmio Nobel alcança Grass no momento em que ele capturou seu século em histórias. O célebre escritor nos presenteia com um livro-álbum ilustrado por ele mesmo. A história que não pôde fazer parte deste livro é a do Prêmio Nobel, recebido pelo autor que, ultimamente, foi muito ridicularizado, e que se

tornou uma figura solitária na Alemanha. É lamentável, pois essa história é a mais bela de todas.



*Als ich mit Ute unsern Pißpott kaufte - Desenho em Tusche de Günter Grass - 1977*  
*Günter Grass- Auf einen anderen Blatt - Zeichnungen. Steidl, Göttingen, 1999, p. 65*